

Brasilienses amam mais

DF - Brasília

Capital é campeã em casamentos. Quem se separa não fica só e opta pelo "morar junto"

FLÁVIA ROCHET
REPÓRTER DO JB

O Distrito Federal é o campeão nacional dos casamentos. Em média, o número de matrimônios é maior do que o de outras regiões do país. No entanto, de acordo com dados da Corregedoria do DF, as uniões oficiais na cidade vêm diminuindo a cada ano. Segundo a antropóloga Lia Zanotta, uma das razões está na tradição migratória de Brasília, no estilo de vida moderno e na situação econômica do país.

Os brasilienses também estão separando menos. Mas, as brigas na hora do desquite são cada vez mais freqüentes. O número de separações litigiosas cresceu 15% nos últimos dois anos. A tendência, segundo dados do Tribunal de Justiça do DF, é que o número de separações conflitantes aumente este ano. Em todo o ano passado, foram registrados 1.311 rompimentos de união. Somente nos quatro primeiros meses do ano foram registrados 452 separações, entre consensual e litigiosa.

— A média de casamentos no DF

em 2000, proporcional à população, esteve acima da nacional e da região Sudeste, onde há uma população com mais consolidada e maior acesso — diz Lia.

A quantidade de separação, proporcionalmente, também é mais alta na cidade e supera, inclusive, o número de casamentos, o que significa que o brasiliense separa mais do que casa. Segundo a antropóloga e pesquisadora do Núcleo de Estudo da Mulher na Universidade de Brasília (UnB), Lia Zanotta, a razão também pode ser explicada pelo nível de escolaridade na capital da República.

— Brasília é uma das regiões metropolitanas de maiores índices. Nós temos maior diversidade de serviços e acesso à cartórios. As famílias no DF não vêm em conjunto, por isso as pessoas têm menos raízes. O indivíduo constrói o estilo de vida moderno, característico à cidade e não há um círculo íntimo de família. O foco é no trabalho. Por isso, Brasília pode ser considerada uma cidade indivi-

dualista. As relações de trabalho estão na frente das relações familiares.

A antropóloga ainda explica que não há censura de pequenos grupos e os valores tradicionais são enfraquecidos ao longo dos anos. Um sinal disso é a tendência do chamado "morar junto", o que, segundo a pesquisadora, está se tornando cada vez mais comum no DF. Hoje, segun-

do dados do TJDF, houve uma queda de 23% nos casamentos em relação ao ano 2000. Isso pode ser demonstrado também pela pesquisa realizada pela Fecomércio no último mês. O tradicional mês das noivas em maio já não é mais tão tradicional assim. Perdeu a força

e o setor já registra quedas de venda.

— Até pelas dificuldades financeiras, os parceiros adiam os rituais. Isso também ocorre em relação às separações que estão diminuindo. Os casais também têm dificuldades para se separar já que envolve divisão de bens, ou seja, toda a situação fi-

nanceira. O "morar junto" passa a ser uma saída para aquela pessoa que está atraída pelo parceiro mas não tem certeza do envolvimento. Isso mostra que Brasília não é uma cidade provinciana.

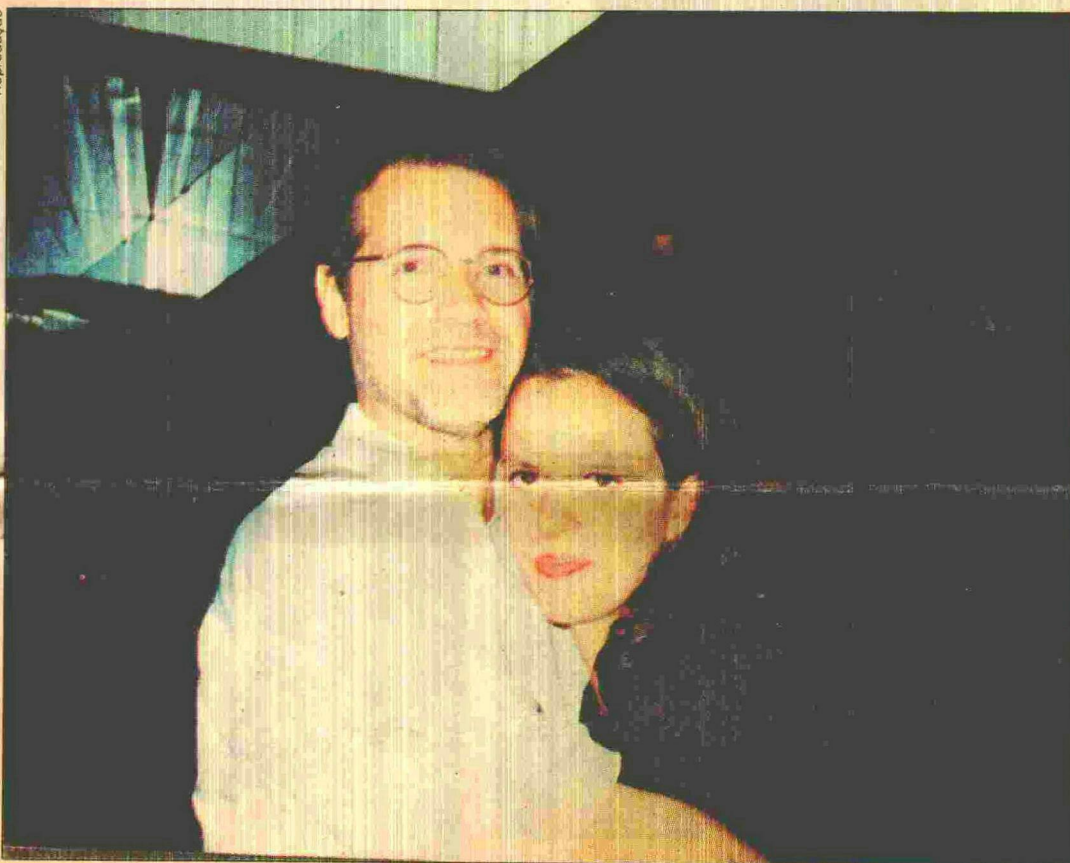
O professor de Educação Física Marcelo Micarelli, 33 anos, se casou jovem. Com 24 anos, se uniu legalmente. Foram seis anos casado, morando entre os EUA e a Itália. Segundo Micarelli, quando ele voltou ao Brasil, os "ares tropicais do país" não fizeram bem ao relacionamento. Sem brigas, hoje ele mora sozinho e se vira muito bem em um apartamento: lava, passa e cozinha.

— Eu acho que o homem ainda está muito imaturo com 24 anos. Eu tive um ótimo casamento e foi uma experiência incrível. Mas, hoje cada um vive a sua vida e continua a sua história. Eu adoro a rotina de um casal. Não foi dessa vez que deu certo, mas eu continuo acreditando em casamento — conta Micarelli.

Já a dentista Flávia Moreira Costa, 30 anos, está novamente com o marido Wagner Martins Costa, 44 anos, após um ano separados. Eles se casaram há sete anos, mas em função das dificuldades de um relacionamento, eles acabaram separando legalmente cinco anos depois. Ela resolveu fazer novas amizades e viajar. Ele ficou mais introspectivo. Depois de um ano, a saudade falou mais alto. Eles resolveram tentar novamente. Só que dessa vez, sem a burocracia de um casamento civil. Adotaram a moda do "morar junto".

— Com o tempo percebemos que todo mundo tem defeitos. Não existe príncipe encantado. Temos que ver se dá para conciliar e viver bem com os defeitos do parceiro. No nosso caso, achamos que valia a pena tentar de novo. Continuamos com romantismo, namorando e andando de mãos dadas. O papel hoje já não significa muita coisa. Se você não souber ceder em determinadas horas, o relacionamento não continua — garantiu Flávia.

Wagner e Flávia voltaram a viver juntos depois de um ano de separação



Reprodução